

fulgurante, veloz como o trovão e o relâmpago, para que teus adversários não possam se preparar, mesmo que venham do céu.

Prever a vitória quando qualquer um pode conhecer não constitui verdadeira destreza. Todos elogiam a vitória ganha em batalha, porém essa vitória não é realmente tão boa.

Todos elogiam a vitória na batalha, porém o verdadeiramente desejável é poder ver o mundo do sutil e dar-se conta do mundo do oculto, até ao ponto de ser capaz de alcançar a vitória onde não exista forma.

Não se requer muita força para levantar um cabelo, não é necessário ter uma vista aguda para ver o sol e a lua, nem se necessita ter muito ouvido para escutar o retumbar do trovão.

O que todos conhecem não se chama sabedoria; a vitória sobre os demais obtida por meio da batalha não se considera uma boa vitória.

Antigamente, os que eram conhecidos como bons guerreiros venciam quando era fácil vencer.

Se só és capaz de assegurar a vitória depois de enfrentar um adversário em um conflito armado, essa vitória é uma dura vitória. Se fores capaz de ver o sutil e de perceberes o oculto, irrompendo antes da ordem de batalha, a vitória assim obtida é uma vitória fácil.

Em consequência, as vitórias dos bons guerreiros se destacam por sua inteligência ou sua bravura. Assim, pois, as vitórias que se ganham em batalha não são devidas à sorte. Essas vitórias não são casualidades, senão que são devidas a ter -se situado previamente em posição de poder ganhar com seguridade, impondo-se sobre os que já tinham perdido de antemão.

A grande sabedoria não é algo óbvio, o mérito grande não se anuncia. Quando és capaz de ver o sutil, é fácil ganhar; que tem isto que ver com a inteligência ou a bravura? Quando se resolvem os problemas antes que surjam, quem chama isto inteligência? Quando há vitória sem batalha, quem fala de bravura?

Assim pois, os bons guerreiros tomam posição em um terreno no qual não podem perder, e não passam por alto as condições que fazem seu adversário inclinar-se à derrota.